

## O Caráter Polissêmico e Polifuncional do Onde<sup>1</sup>

*Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva<sup>2</sup>*

*Antonio Sérgio Sapucaly da Silva<sup>3</sup>*

*Maria Daises Matos de Carvalho<sup>4</sup>*

A gramática apareceu depois de organizadas as línguas. Acontece que meu inconsciente não sabe da existência de gramáticas, nem de línguas organizadas. E como Dom Lirismo é contrabandista... (Mário de Andrade)

### Resumo

Um rápido olhar sobre os textos produzidos pelos alunos do Ensino Médio nos revelará que o ensino de Português, nas escolas desse nível de ensino, ainda hoje, consiste em transmitir conteúdos referentes à metalinguagem, que se transforma em objeto de ensino, quando esta deveria ser usada para explicar e analisar a própria língua, como um meio e não como um fim em si. Deste modo, nega-se ao aluno a possibilidade de desenvolver duas dentre muitas habilidades lingüísticas: ler e produzir textos. Dessa prática, resultam as dificuldades que os alunos têm de dominar os mecanismos intra e interdiscursivos que compõem os textos, tanto orais quanto escritos.

*Palavras-chave:* gramática, lingüística, o onde, gramaticalização, ensino.

## INTRODUÇÃO

Um rápido olhar sobre os textos produzidos pelos alunos do Ensino Médio nos revelará que o ensino de Português, nas escolas desse nível de ensino, ainda hoje, consiste em transmitir conteúdos referentes à metalinguagem, que se transforma em objeto de ensino, quando esta deveria ser usada para explicar e analisar a própria língua, como um meio e não como um fim em si. Deste modo, nega-se ao aluno a possibilidade de desenvolver duas dentre muitas habilidades lingüísticas: ler e produzir textos. Dessa

<sup>1</sup>Monografia apresentada ao PROPED/CCSE/UEPA, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa e Análise Literária, orientada pela professora Dra Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva.

<sup>2</sup>Doutora em Lingüística, pela USP. Professora da UEPA e UNAMA.

<sup>3</sup>Mestre em Teoria Literária. Docente da UEPA e UNAMA. O referido docente iniciou a orientação deste trabalho ainda na graduação, e aqui se ampliou.

<sup>4</sup>Graduada em Letras pela UNAMA. Discente do PROPED/CCSE/UEPA. Discente do Mestrado em Lingüística pela UFPA.

Comunicação Universitária:  
Revista do Centro de Ciências  
Sociais e Educação.  
Belém, Nº 5, 2004

prática, resultam as dificuldades que os alunos têm de dominar os mecanismos intra e interdiscursivos que compõem os textos, tanto orais quanto escritos.

Ao privilegiar o ensino da metalinguagem, o ensino da análise sintática, tanto nas escolas de Ensino Fundamental quanto nas de Ensino Médio, se resume à decomposição e classificação de períodos soltos, em detrimento da leitura e estruturação de períodos e, conseqüentemente, de textos, nos quais sejam ressaltados os mecanismos de coesão e coerência, responsáveis por sua tessitura, enquanto “unidade semântica onde vários elementos de significação são materializados através de categorias lexicais, sintáticas, semânticas e estruturais” (Kleiman, 1995:45).

O que se nota, ainda hoje, é que os alunos chegam ao nível superior de ensino sem o domínio de vários aspectos lingüísticos necessários para ler e expressar idéias de forma clara, precisa e coerente. Essa inabilidade, entre outras, tende a comprometer as informações semânticas, estabelecidas pelas cadeias coesivas, para retomar uma informação já expressa no texto.

Esse quadro nada mais é que o reflexo de uma concepção ainda equivocada sobre o que é uma língua, sua estrutura, função e conseqüentemente o seu ensino. O que as pesquisas lingüísticas realizadas no Brasil, nos últimos anos, têm revelado, Saussure (1916) já previra, *langue* e *parole* são realizações diferentes de um mesmo sistema e mais, chamava a atenção para a primazia do estudo sincrônico sobre o diacrônico. Por essa razão ele elegeu como objeto de estudo da lingüística a *langue* e não a *parole*, tão consciente de que esta varia no tempo e no espaço.

Por isso, mais uma vez, estamos aqui diante de um fenômeno lingüístico característico e cada vez mais freqüente tanto na fala quanto na escrita dos brasileiros – a variação do **onde**.

Elegemos, como *corpus* para este estudo 30 (trinta) textos de alunos cursando o Ensino Médio.

Nesses textos investigamos as relações morfosintáticas e semânticas estabelecidas pelo vocábulo **onde**, cujo uso, ‘diversificado’ do prescrito pelas gramáticas normativas, vem se cristalizando pouco a pouco.

A partir do exposto, delineiam-se os propósitos deste trabalho, que se amálgamam em três tópicos. O primeiro situa o uso do **onde** à luz das Gramáticas Tradicionais; o segundo o situa à luz das Teorias Lingüísticas e o terceiro nas produções dos alunos do Ensino Médio.

Esse procedimento permitiu verificar o caráter polissêmico e polifuncional do **onde**, bem como as dificuldades que encontram gramáticos e lingüistas para classificá-lo e defini-lo desde sua origem, e o seu processo de gramaticalização.

No tópico **O Onde à luz das Gramáticas Tradicionais** abordam-se os assuntos referentes à origem da palavra **onde**, seus conceitos como **advérbio** e **pronome relativo**, seus aparentados **aonde**, **donde** e **adonde**, assim como seus aspectos sintático-semânticos, de acordo, principalmente, com as considerações de ALMEIDA (1994), ALI (1923), COUTINHO (1967) e BECHARA (2001), entre outros estudiosos da Língua Portuguesa.

No tópico **O Onde à luz das teorias Lingüísticas** abordam-se assuntos referentes à funcionalidade do **onde** como elemento de coesão, sua pluralidade funcional e semântica, assim como seu uso como **pronome relativo universal**, de acordo com BAGNO (2001), POSSENTI (2002) e NEVES (1997/2000), entre outros lingüistas.

No tópico **O Onde em redações escolares** analisa-se o emprego, pelos alunos, do **onde** em suas produções escritas, a partir dos trabalhos de SOUZA (2001), NEVES (2000), BAGNO (2001, idem), CÂMARA JUNIOR (1999), DUBOIS (1999), PERINI (1991/97) e outros.

Dessa perspectiva, este estudo pretende somar-se a outros que visam descrever e analisar os usos concretos que os falantes/escritores fazem da língua, nos revelando um quadro real de uma das muitas formas lingüísticas.

Compreender esses usos parece ser o primeiro passo para ressignificar as práticas de leitura e escrita, como uma das atividades principais da escola, ao lado de outras atividades igualmente importantes, única maneira de ampliar as competências lingüística e comunicativa dos alunos.

## CAPÍTULO 1 - ONDE À LUZ DAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

A gramática, segundo a conceituamos, não é nem deve ser um fim, senão um meio posto ao nosso alcance para disciplinar a linguagem e atingir a forma ideal da expressão oral e escrita.

(Cegalla, 2000)

### 1.1 A origem da palavra **onde**

A primeira contradição, ao fazermos uma releitura

Comunicação Universitária:  
Revista do Centro de Ciências  
Sociais e Educação.  
Belém, Nº 5, 2004

do excerto de Cegalla, diz respeito àquilo que ele próprio afirmou sobre o conceito de gramática, o de não ser um fim, mas, ao mesmo tempo a relacioná-la a uma forma “ideal” de expressão oral e escrita.

Pertinente foi o autor ao defini-la, pois assim retomou a origem, do grego, *Grammatiké*, que significa lógica, ou seja, regras, mas incoerente, ao relacioná-la à noção de forma “idealizada”, que remete à noção de norma.

A história do objeto livro, ao qual denominamos “gramática”, em cujo conteúdo se pauta o ensino escolar, nos revela que seus autores ‘esqueceram’ o princípio original do termo.

Nessa perspectiva é produzido o primeiro compêndio gramatical, que teve sua origem na Grécia e surgiu da necessidade dos estudiosos da literatura clássica grega de preservar a língua usada por aqueles que eram considerados os maiores poetas daquela época. Esse objetivo os levou a descrever as regras gramaticais utilizadas por esses escritores, para que servissem de modelo àqueles que quisessem escrever obras literárias em grego. Assim nasceu o compêndio gramatical, apenas para uso literário, que hoje recebe o nome de Gramática Tradicional (GT). Ao longo do tempo, esse uso literário foi se expandindo e se transformando. Começou a ser imposto nas escolas como uma lei, especificando regras para todo e qualquer uso oral e escrito da língua, é também conhecida hoje como Gramática Normativa.

A palavra **onde** teve sua origem do advérbio latino **unde** e denota o “lugar de procedência” = **donde**. Segundo a GT, emprega-se com verbos que indiquem proveniência: *vir de algum lugar, sair de algum lugar*. Também **ubi** > **u** (arcaico) = **onde** é uma origem latina a ser considerada. O **onde** emprega-se com verbos que indicam permanência: *estar em um lugar, permanecer em um lugar*. Conforme ALMEIDA (1994: 143), “...a princípio eram dois advérbios de sentidos distintos (**unde** e **ubi**), entretanto, ambos podiam ser empregados como pronome relativo”.

Nas Gramáticas Normativas da língua portuguesa, o **onde** é registrado como advérbio, sempre denotando valor locativo; também aparece como pronome, desta vez com a subdivisão em **interrogativo** e **relativo** (LUFT:1997). É quanto ao emprego do **onde** como pronome relativo que se revela a variedade de uso. Ela se deve, segundo LUFT (idem),

*à falta de noção de pronomes advérbios ou pronomes adverbiais que é responsável pela dissociação total – imperdoável do ponto de vista sistêmico estrutural -, em nossas gramáticas entre pronomes demonstrativos (entendidos*

*só substantivos/ adjetivos) e advérbios de lugar, entre pronomes interrogativos e advérbios interrogativos, tratados como assuntos estanques, em pontos distantes da gramática. (grifo nosso)*

Antes de adentrarem na língua portuguesa, os vocábulos latinos **unde** e **ubi** passaram pelos seguintes processos:

UBI > Ú = onde (**ubi** alterou-se para **u** e passou para o português como **onde**).

UNDE > ONDE = donde, aonde, adonde (**unde** alterou-se para **onde** em português e era empregado com o sentido de **donde**, **aonde** e **adonde**).

As alterações havidas (perda ou troca de fonemas) explicam-se. Segundo Coutinho (1967: 112-113): "(...) as consoantes mediais surdas latinas, quando inter-vocálicas, sonorizam-se em português nas suas homorgânicas, e as sonoras geralmente caem".

Conforme ALI (1964:169),

o **i** final átono soa fracamente na pronúncia portuguesa e a tendência é desaparecer, assim como o **u** (**unde**) tônico, que em latim era breve por natureza ou cuja pronúncia era forçadamente de pouca duração, por vir seguida de consoante geminada ou de grupo de consoantes diferentes, aparece em nosso idioma ora como **u**, ora alterado em **o**.

Assim são explicadas as modificações sofridas pelo vocábulo **onde**, na passagem do latim para o português.

Como a noção de procedência se indicava, em geral, pela preposição **de**, a analogia criou o pleonismo **donde**, grafados em antigos documentos portugueses, com a mesma acepção da forma primitiva **unde**. Como exemplo, cita-se o título de um livro de Antonio Alvarez, que foi impresso em Lisboa, em 1601: "A PRIMEIRA PARTE DA CRONICA DO EMPERADOR CLARIMVND0, DONDE OS REYS DE PORTVGAL DESCENDEM". Para saber-se que esse é um título de um livro antigo nem é preciso olhar a data de sua publicação, pois os indícios são claros: a grafia de PORTVGAL e CLARIMVND0 com V no lugar de U, a palavra CRONICA sem acento, REYS com Y, EMPERADOR por IMPERADOR e, principalmente, a palavra **DONDE**: EMPERADOR DONDE OS REYS DE PORTVGAL DESCENDEM.

Segundo ALI (1966:185), "a vulgarização do **donde**, tão expressivo para denotar procedência, levou

a crer que o mesmo vocábulo, desacompanhado da preposição *de*, era tão somente o sinônimo do advérbio *u*<sup>5</sup>.

A essa mudança semântica precedeu um período de confusão, de que dão testemunho estes passos do “Livro de Esopo (apud NUNES, 1967: 233): “Pol-a [a linha] darredor da arvor **donde** a aguya tijinha sseus filhos (19) - Chegou a rraposa ao pee da arvor **onde** a aguya tijinha seus filhos (18) - Levou-hos a huu ninho hu estavam seus filhos (18)”.

Como se observa no excerto acima, os vocábulos **donde**, **onde**, e *hu* foram usados como equivalentes, ou seja, com a mesma carga semântica.

Por isso, o advérbio *u* foi-se tornando supérfluo e com tendência a desaparecer. Em uma segunda fase do português arcaico, seu uso vai escasseando até se tornar raro nas linguagens quinhentista e seiscentista. Porém, mesmo após o advérbio *ubi* ter cedido seu lugar ao vocábulo **onde**, os escritores não se mostraram convencidos de que o termo bastasse, sem reforço preposicional, para indicar o que o antigo termo indicava. Assim, **aonde** e **donde**, só ou aumentado em **adonde**, passam a ser usados como equivalentes de **onde**. O emprego do vocábulo **onde**, até o período do português arcaico, pode ser observado, em variadas formas, nos excertos extraídos de textos da Literatura Portuguesa, do século XII ao século XVI, reunidos por NUNES (1967). Observemos, primeiro, o excerto do texto “Foral da Guarda”, do século XII: “(...) Aquel que casa fezer ou minha ou as herdade ourrar e per 1 ano em ella sener, se deploys em outra terra morar quizer, seru [ i ] a a el toda su herdade u quer que morar (...)” (apud NUNES, 1967: 3). Nesse trecho, o *u* (**onde**) foi usado como advérbio, indicando lugar de permanência.

O texto a seguir é uma tradução portuguesa do “Fiuero Real de Afonso X”, na qual se pode observar: “(...) e receberemos bem os boos e galardõ de gloria de bem que fezermos por sempre co nostro Senhor Ihesu Christo, e os maus Receberã peã co nas mãos dyaboos por sepre **unde** nunca sairã (...)” (idem, 1967:9). Dessa vez o advérbio **unde** foi empregado com o valor de **donde**, **de onde** (lugar de onde nunca sairão).

O terceiro exemplo foi retirado do texto “Como Lancelot chegou a Abadia”, e conferimos: “(...)Se me Deos feze fremoso, ca

<sup>5</sup> Levar para fora + ivo. Exprime o movimento do interior de um lugar para o exterior. Ex: Pedro sai de casa.

em outra gujsa ualleria pouco, e elle querrá que serei bõo e cousa que semelhe mjnha linhagem e naquelles **honde** eu uenho(...)" (ibidem, 1967:107). Neste excerto, a palavra **honde** é empregada no sentido originário, isto é, **donde** (**unde**) advérbio. Entretanto, se a analisarmos sob um ângulo mais atual, pode-se substituí-la, por **dos quais**, pronome relativo, uma vez que temos o antecedente **naquelles** (naqueles dos quais eu venho).

A palavra **adonde**, muito usada no português arcaico com significação diretiva (para onde) é, segundo ALI (1964:173), "(...) uma aplicação secundária ou imprópria dos advérbios **onde**, **donde** e **aonde**, cabendo-lhes expressar respectivamente a noção locativa, a elativa<sup>5</sup> e a directiva". Atualmente, ainda se observa o emprego do **adonde** na língua, especialmente na modalidade falada, como resquício do português arcaico.

### 1.2 O aspecto morfossintático do **onde**

Conforme Bechara (2001:54) "A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas "formas") e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas)".

Segundo a GT, as palavras da língua portuguesa, do ponto de vista morfológico são enquadradas em classes. Assim, temos as classes do substantivo, do adjetivo, do pronome, do verbo, do advérbio, etc. O vocábulo **onde**, conforme ALMEIDA (1994, p.143) pertencia, inicialmente, à categoria dos advérbios (locativo), entretanto era permitido empregá-lo como pronome relativo.

#### 1.2.1 O pronome relativo

É necessário levar em conta alguns procedimentos, a fim de empregar o pronome relativo **onde**, segundo a norma padrão vigente. De acordo com BECHARA (2001), relativos são os pronomes que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente. **Onde** é um pronome relativo quando equivale a **em que**; deve ser usado, portanto, unicamente na indicação de lugar. Conforme exemplos:

Você conhece uma cidade brasileira **onde** se possa atravessar a rua com segurança?

A casa **onde** mora é excelente.

O sítio **aonde** vais é pequeno.

É bom o colégio **donde** saímos.

Moro **onde** mais me agrada.

**Onde** está estudando o primo? Ignoro **onde** estuda.

Comunicação Universitária:  
Revista do Centro de Ciências  
Sociais e Educação.  
Belém, Nº 5, 2004

Em substituição a **em que**, **de que**, **a que**, quando se refere a lugar deve-se empregar, respectivamente, **onde**, **donde**, **aonde** que funcionam como adjunto adverbial:

Exemplos:

a) **Onde** – com verbos “estáticos”

A empresa **onde** trabalho é estrangeira.

b) **Donde** – com verbos que indicam “movimento de afastamento”

A cidade **donde** vim é tranqüila.

c) **Aonde** – com verbos que indicam “movimento de aproximação”.

A cidade **aonde** vou é tranqüila.

Como pronome, o **onde** sempre funciona como adjunto ou complemento adverbial de lugar (NEVES, 2000). Exemplos:

A casa **onde** mora há quase quarenta anos, desde que saiu do *Colégio Sacré Coeur de Jésus*, está encravada numa encosta da Gávea, na rua que leva o nome do sogro, o desbravador João Borges. (CAA)

Ciosa de sua independência, a menina voltou a sentar-se na cadeira de **onde** s(FR)

Todo o esforço estava voltado para o Brasil, para **onde** retornaríamos um dia. (CRE)

Vejam, agora, o uso do **onde** no exemplo a seguir:

“A diminuição dos empréstimos bancários que alimentam a produção criam uma *situação onde*

não é o consumidor que pára de comprar”. (F.S.P.)

O uso desse pronome infere que seu antecedente, *situações*, indica um lugar, mesmo que virtual. Portanto, não de todo incoerente. No entanto, a GT prescreve que nesta construção deveria ser usada a expressão **em que** em lugar do **onde**.

Algumas pessoas, no entanto, demonstram uma certa intransigência quanto ao uso do relativo **donde**. Assim, nada impede que optem pela forma **de onde**, por considerá-la mais adequada. Ex: A cidade **de onde** vim é tranqüila.

O uso de **onde** e **aonde** tem sido delimitado pelos gramáticos, que reservam ao primeiro a idéia de repouso e ao segundo a de movimento:

O lugar **onde** estudas.

O lugar **aonde** vais.

Ressalta BECHARA (2000, p.131) que “esta lição de gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não



sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses”.

Conforme CEGALLA (2000, 174-175), os pronomes relativos são palavras que representam nomes já referidos e com os quais estão relacionados. O vocábulo **onde** é invariável e, como pronome relativo, deve ter sempre um antecedente e equivaler a **em que**.

Ex: A casa **onde** (= **em que**) moro foi de meu avô.

Como pronome relativo permite reunir duas orações em um enunciado.

Ex: Visitei à cidade

Você nasceu nesta cidade } Visitei à cidade **onde** você nasceu.

O pronome relativo **onde** nunca deve ser usado se referindo a pessoas, mas indicando lugar, com ou sem antecedente, segundo Neves (2000,p.372).

Ex: Climério ficou deitado no colchão esburacado **de onde** saíram tufo de palha de milho.

Ramsey observou que **onde** há fumaça, há fogo.

A indicação locativa dentro do constituinte relativo teria de ser expressa por **onde** ou **em que** / **no qual**.

Ex: A região vem passando por uma transformação urbanística com a desocupação dos galpões e antigas casas, locais **onde/nos quais/em que** há grandes possibilidades de surgirem empreendimentos.

Como pronome relativo inicia orações adjetivas, que podem ser de dois tipos:

a) Orações Adjetivas Restritivas

• Com Antecedente

-Esta noite o aquecimento do edifício **onde** moro não funcionou.

• Sem Antecedente

- **Onde** há é nos Araújo, orgulhosos e desgraçados, **onde** até os filhos roubam dos pais.

No exemplo acima, Araújo não é um antecedente, mas um referente que traz, de modo implícito, a idéia de locativo.

b) Orações Adjetivas Explicativas

• Sempre com Antecedentes

- Em Soweto, **onde** vivo, as pessoas nem sequer têm dinheiro para pagar eletricidade e outros serviços do governo.

1.2.2 O advérbio

**Onde** e **donde**, no período de formação da língua

portuguesa, esses vocábulos latinos tinham significados distintos, conforme já referido inicialmente. Já em textos do português arcaico, observou-se a substituição do **onde** por **donde** e vice-versa.

CEGALLA (2000: 244) apresenta o **onde** como advérbio em dois momentos:

1. Advérbio de Lugar – quando exprime circunstância ou idéia acessória de lugar.

2. Advérbios Interrogativos – são as palavras **onde?** e suas aparentadas **aonde?** e **donde?** (quando precedido de preposição), nas interrogações diretas ou indiretas, quando se referem às circunstâncias de lugar.

Exemplos:

Interrogação Direta	Interrogação indireta
<b>Onde</b> moras?	Indaguei <b>onde</b> moravas.
<b>Aonde</b> vais?	Perguntei <b>aonde</b> ias.
<b>Donde</b> vens?	Pergunto <b>donde</b> vens.

Na classe dos advérbios indefinidos interrogativos para lugar encontra-se o **onde**, conforme exemplo: **Onde** estão vocês?

O advérbio, pela sua origem e significação, prende-se a nomes e pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais.

Entre os nominais encontram-se aqueles formados por adjetivos acrescidos do “sufixo” – **mente**.

Exemplo: Rapidamente.

Entre os pronominais tem-se o relativo: **onde** (em que) e o interrogativo: **onde?**

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que fazem parte da oração anterior. Nas idéias de lugar, emprega-se **onde**, em vez de **em que**, **no qual** (e flexões).

Exemplo: A casa **onde** moras é excelente.

Quando precedido das preposições **a** ou **de**, grafa-se **aonde** ou **donde**:

Exemplo: O sítio **aonde** vais é pequeno.

É bom o colégio **donde** saímos.

Assim como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem ser empregados de modo absoluto, isto é, sem antecedente:

Exemplo: Moro **onde** mais me agrada.

Como se pode observar, o vocábulo **onde**, tanto

como advérbio quanto como pronome relativo, tem seu emprego confuso, em certos momentos. É necessário que o usuário da língua esteja atento para descobrir em qual contexto ele deve usar/reconhecer se expressa idéia ou circunstância de lugar, o que nem sempre será possível. No exemplo “A casa **onde** mora é excelente”, o **onde** foi analisado por BECHARA (2000:294) como advérbio e na estrutura semelhante “A casa **onde** moro foi de meu avô”, com o mesmo antecedente ‘casa’, seguido do mesmo verbo ‘morar’ CEGALLA (2000:174-175) o analisou como pronome relativo. Ora, se nem entre os gramáticos há consenso, como podemos exigir dos alunos esse uso prescritivo da GT?

### 1.3 O aspecto semântico do **onde**

Segundo MICHALIS (2000), “A semântica é o estudo da evolução do sentido das palavras através do tempo e do espaço”.

O estudo da semântica é um fato gerador de muitos conflitos entre semanticistas e gramáticos. Há muitas divergências entre eles, inclusive entre os próprios teóricos da semântica as discordâncias são notáveis.

O fato de não existir claramente o objeto de estudo da semântica leva os estudiosos a seguirem caminhos diferentes, como se não tivessem uma meta a alcançar. Isto faz com que a semântica não seja aceita como ciência e seus conceitos se tornem imprecisos e geradores de dúvidas.

A semântica possui diferentes abordagens do significado lingüístico. Para o estudo aqui proposto interessa-nos conhecer a semântica da coerência textual que se refere à capacidade que um usuário da língua adquire para compor frases sintaticamente bem estruturadas, formando um todo coesivo, com unidade e que estabeleça ligações entre fatos e idéias numa seqüência ordenada e de fácil compreensão para o leitor.

Conforme podemos constatar, a partir das definições acima, pode-se concluir que o aspecto semântico do vocábulo **onde**, tanto como advérbio quanto como pronome relativo, pode ser analisado tanto isoladamente como no discurso. Ao levar em consideração a multiplicidade de funções que possui o vocábulo em questão, seria mais coerente analisá-lo, do ponto de vista semântico, por isso, a confusão, pois ora sua classificação se pauta por valores semânticos das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais.

Não seria de todo exagero afirmar que o aspecto semântico talvez seja o principal responsável pelas

“supostas confusões” quanto ao uso do **onde**, ou, visto de outra perspectiva, talvez o mais esclarecedor. Daí o **onde** receber inúmeras designações, que variam de acordo com os critérios de análise: **advérbio relativo, advérbio conjuntivo, pronome advérbio, advérbio interrogativo, pronome relativo, relativo indefinido e advérbio pronominal.**

Deve-se colocar um ponto de realce na análise do **onde**, em especial em orações em que esse item aparece sem antecedente, em estruturas declarativas, como, por exemplo: “Moro **onde** mais me agrada” e em estrutura interrogativa como: “**Onde** moras?”

Quando a oração é constituída com antecedente, a questão parece tornar-se mais consensual. O **onde** se comporta como elemento relativo, com dupla função, referindo-se a um termo antecedente, e ao mesmo tempo servindo de elo subordinante à oração que inicia – a adjetiva.

Ex: A casa **onde** moro é bastante espaçosa.

O que se infere, das tentativas de explicações contidas na maioria das gramáticas normativas, é que o **onde** é pronome relativo quando há antecedente, e advérbio, quando empregado sem antecedente. Entretanto, não só o advérbio pode ser usado com antecedente, como se encontram frases com o pronome **onde** usado sem antecedente, mas com um referente explícito na mesma oração ou na oração anterior, conforme será mostrado adiante, no capítulo referente à análise do *corpus*.

A característica semântica marcante no **onde**, enquanto advérbio de lugar, é que ele indica **circunstâncias de lugar**. Algumas circunstâncias de lugar:

- **situação**, ou seja, lugar que configura um valor estático. Os advérbios situativos respondem à pergunta ‘**onde**?’ Ex. ‘**Onde** moras?’ - Esta é a casa **onde** moro.

- **percurso**, resposta à pergunta “por **onde**?” Por ali!

- **origem**, resposta à pergunta “de **onde**?” Da rua.

- **direção**, resposta à pergunta “para **onde**?” Para casa.

Comunicação Universitária:  
Revista do Centro de Ciências  
Sociais e Educação.  
Belém, N° 5, 2004

## CAPÍTULO II - O ONDE À LUZ DA TEORIA LINGÜÍSTICA

*Falar ou escrever é ativar sentidos e representações já sedimentadas que sejam relevantes num determinado modelo de realidade e para um fim específico; é, antes de tudo agir, atuar socialmente; é, nas mais diferentes oportunidades, realizar atos convencionalmente definidos, tipificados pelos grupos sociais, atos normalizados, estabilizados em gêneros, com feição própria e definida. É uma forma a mais de, tipicamente, externar intenções, de praticar ações, de intervir socialmente, de "fazer", afinal.*

(Irlandé, 1999)<sup>6</sup>

No capítulo anterior, "O onde à luz das teorias gramaticais", a respeito do surgimento dos compêndios de gramática, foram apontados seus objetivos. O que se observa, ao longo dos tempos, é que ela se manteve fiel a eles, pois se dedicou quase que exclusivamente à língua escrita, deixando de fora a língua falada.

Ora, levando-se em consideração que as pessoas que usam a língua falada são em maior quantidade em relação àquelas que usam a escrita (uma grande maioria não sabe ler nem escrever), reforça o caráter elitista da gramática que "desprezou" todo o uso oral da língua ao privilegiar os escritos literários como modelo de seu corpo doutrinário. Tradição essa que se perpetua até os dias atuais. Para comprovar tal fato, basta abrir qualquer Gramática Normativa que lá estarão os exemplos, excertos retirados de obras dos chamados grandes escritores, por isso, na maioria portugueses.

O mesmo acontece com os dicionários, que, ao definir uma palavra, dão-lhe como exemplo o uso daqueles escritores, enquanto que outros usos, recorrentes e freqüentes, mas que diferem dos daqueles considerados "cultos", são classificados como "vícios de linguagem". No entanto, sabe-se que a língua, por ser viva, sofre mudanças com o passar dos tempos. O problema é que "nossas Gramáticas Normativas tentam analisar o português do Brasil com o mesmo aparato teórico – descritivo usado para analisar o português de Portugal" (BAGNO, 2001:19). Resta perguntar: que português? O falado ou o escrito pelos portugueses, pois o princípio da variação e da mudança rege todas as línguas.

O Brasil, país de grande extensão territorial, pluricultural e plurilingüístico, já há muito tempo convive com a variedade lingüística dentro de seu próprio território, especialmente na língua falada. Em relação a Portugal, então, as diferenças se observam não só na língua falada como também na escrita. Constatam-se diferenças, principalmente, nos aspectos sintáticos e fonológicos

Comunicação Universitária:  
Revista do Centro de Ciências  
Sociais e Educação.  
Belém, Nº 5, 2004

A respeito da sintaxe, em DUBOIS et alli (1999:559) lê-se que sintaxe “é a parte da gramática que descreve as regras pelas quais se combinam as unidades significativas em frases. Em gramática gerativa, a sintaxe comporta dois componentes: a **base** (o componente categorial e lexical) e o **componente transformacional**” (Grifo nosso).

As unidades lexicais relacionam-se no plano sintático e textual de que resultam grupos de palavras, frases e textos. Essas palavras, ao se relacionarem, obedecem a uma ordem que é um meio usado para expressar a coerência sintática. Para que as palavras cheguem a transmitir idéias, é necessário que sejam ligadas umas às outras, por **conectivos**. Entre estes, o **onde** é um **conector** de uso recorrente e, por isso mesmo, empregado com diferentes valores semânticos.

O uso do **onde** se tem mostrado uma pista lingüística, entre tantas, das inúmeras possibilidades oferecidas pela língua. São freqüentes, tanto na língua falada quanto na escrita, construções que ilustram o emprego desse **conectivo**, de acordo com a norma padrão, conforme exemplo: “A casa onde mora é pequena”.

Em uma visão semântica, CÂMARA JR. (1999, p. 43) afirma:

*Do ponto de vista significativo, os advérbios são, portanto, em essência - locativos ou de lugar (os de natureza demonstrativa ou indefinida), (grifo nosso) temporais ou de tempo (as palavras nominais que indicam posição no tempo em referência ao momento em que se fala ou outro), modais ou de modo (todos os demais que assinalam modalidade do processo verbal ou de qualificação adjetiva).*

Para MARQUES (1999) e ILARI (1995) a semântica é “o estudo da significação” enquanto CÂMARA JR. (1999) afirma ser a semântica “um estudo da significação das formas lingüísticas”.

No aspecto semântico, por exemplo, temos o vocábulo ‘rapariga’, feminino de rapaz, que em geral, no Brasil, não é usado nessa acepção, mas em seu sentido pejorativo, significando concubina, meretriz. Em Portugal, seu uso como sinônimo de moça jovem ocorre normalmente.

Segundo BAGNO (2001), as profundas diferenças entre a língua **daqui** e a língua de **lá**, exige a “elaboração de outra gramática, a **gramática do Português brasileiro**”.

Em seu lugar, está a GT, que reúne um corpo de doutrinas, imprecisas e incoerentes para o ensino da língua portuguesa nas escolas brasileiras, ela não dá conta de explicar os fenômenos dessa língua. Por isso, lingüisticamente, as variações existentes nas línguas não existem porque

“alguém” decidiu falar “desse” ou “daquele” jeito, mas porque, enquanto sistema, há leis e princípios que as regem, independente das normas nas quais são enquadradas, a partir de critérios sociais, que variam de menor para maior prestígio. Variações essas que podem ser geográficas, históricas, etárias, de gênero, de estilo, de forma e etc.

No entanto, essa ilustre desconhecida, a lingüística, não ocupa lugar de destaque nos sistemas de ensino e nem nas concepções pedagógicas que orientam este mesmo ensino.

Desde o século XIX, muitos pesquisadores já se ocupavam com estudos comparativos entre diferentes línguas. Entre estes, o suíço Ferdinand de Saussure (1857 – 1913), que, dedicado a estes estudos, ministrou, na França, um curso que foi publicado três anos após sua morte, por dois de seus alunos, com o título de *Curso de Lingüística Geral* (1916). Este fato marcou de maneira mais precisa o nascimento da Lingüística Moderna. Entretanto, esta ciência não surgiu do nada, pois, desde a antiguidade, os homens se interessam pela linguagem e reuniram uma série de observações e explicações que não se pode ignorar. A herança, portanto, foi pertinente e bem aproveitada. Os métodos saussurianos foram aplicados por cientistas de outras áreas de conhecimentos, daí o surgimento de uma das mais importantes escolas do século XX, o **Estruturalismo**. O Estruturalismo influenciou, além da Lingüística, outras ciências como a Antropologia, a Psicologia e a Psicanálise.

A partir de então, outras escolas de estudos lingüísticos vêm se desenvolvendo e produzindo inúmeras pesquisas que têm revelado aspectos do funcionamento das línguas ainda não observados e mostrado, também, **inadequações e limitações** nas doutrinas das Gramáticas Tradicionais.

Uma das principais inovações introduzida pela Lingüística foi atribuir maior importância à **língua falada**, que, segundo BAGNO (2001), “é um tesouro onde é possível encontrar coisas muito antigas, conservadas ao longo dos séculos, e também muitas inovações, resultantes das transformações inevitáveis por que passa tudo o que é humano”.

A **escrita** não vai ser desprezada pela Lingüística, uma vez que desempenha importante função na história da humanidade, mas seu papel é sempre secundário, pois é assim desde o início da existência do homem nesse planeta: ela tem somente uns dez mil anos, enquanto a espécie humana vem falando há pelo menos um milhão

de anos. Por outro lado, é pela **língua escrita** que se conservam o patrimônio científico, cultural e intelectual de um povo, transmitindo-o de uma geração para outra.

Nesse cenário, a Gramática Tradicional tornou-se hoje um dos muitos campos de investigação dos lingüistas. Infelizmente, o ensino da Língua Portuguesa, nas escolas brasileiras, ainda sofre uma forte influência dessa respeitável senhora de dois mil e trezentos anos.

A crítica mais pertinente que se pode fazer à GT é a de que ela não parte de uma fundamentação científica para analisar os fenômenos diversos lingüísticos existentes na língua em suas mais variadas formas de expressão. Por isso, acaba por eleger uma única forma lingüística como a mais “correta”. Ao privilegiar uma única forma, elitizou-a, pois só quem tem acesso a ela pode dominá-la.

Em consequência desse elitismo e do caráter não científico da GT, surgiu a noção folclórica de “erro”! Como já se viu, tudo o que não estiver de acordo com as normas ditadas pela GT é considerado errado. Entretanto, os estudos lingüísticos têm revelado que não existem erros na língua e sim formas diferentes de se expressar, que não combinam com tradição gramatical, mas, se analisadas com o critério, revelam-se perfeitamente lógicas e coerentes.

Um exemplo versa sobre a **distinção** que as GT fazem entre o **onde** e o **aonde**. E por mais que as gramáticas e os manuais de redação insistam em afirmar que há uma diferença entre esses dois advérbios/pronomes relativos, ninguém, no Brasil, sente necessidade de explicitar essa diferença, o que já se verificava em textos antigos, do português arcaico, conforme exemplos já citados no subtítulo “1.1 A origem da palavra **onde**”. Aliás, essa indiferença vem se mostrando, ao longo dos tempos, e pode ser verificada entre grandes escritores brasileiros e portugueses.

Cunha & Cintra (1985:342) ponderam:

*Embora a ponderável razão de maior clareza idiomática justifique o contraste que a disciplina gramatical procura estabelecer, na língua culta contemporânea, entre **onde** (= o lugar em que) e **aonde** (= o lugar a que), cumpre ressaltar que esta distinção, praticamente anulada na linguagem coloquial, já não era rigorosa nos clássicos.*

Comunicação Universitária:  
Revista do Centro de Ciências  
Sociais e Educação.  
Belém, Nº 5, 2004

108

Ilustramos a citação acima com exemplos retirados da obra dos autores citados, em que se observa a concorrência de ambas as formas em um só enunciado:

Mas **aonde** te vais agora,  
**Onde** vais, esposo meu  
(Machado de Assis, OC III, 109)



Ela quem é, meu coração? Responde!  
Nada me dizes. **Onde** mora? **Aonde**?  
(Teixeira de Pascoaes, OC, III, 14)

Mesmo com estes tipos de registros, encontrados em Gramáticas Normativas, a respeito da não distinção entre esses dois vocábulos, os comandos paragramaticais teimam em insistir nela, demonstrando apego a um conservadorismo ainda maior do que os das Gramáticas Normativas.

Conforme BAGNO (2001:150): “O **onde** não é só lugar”, contrariando assim as prescrições da GT, segundo as quais o **onde** deve ser usado, tanto como advérbio quanto como pronome relativo sempre com indicação de lugar concreto, espaço físico. Observando-se o fragmento coletado por BAGNO (2001), retirado dos cantos VII e VIII do clássico “Os Lusíadas”, de Luiz de Camões, verifica-se o quanto as GT são contraditórias. Contraditórias por afirmarem que tomavam como base os grandes escritores e, sem dúvida, Camões é um deles. Vejamos:

Aqueles sós direi que aventuraram  
Por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,  
**Onde**, perdendo-a, em fama a dilataram,  
Tão bem de suas obras merecidas.

(Os Lusíadas, VII; 87)

Este que vês, é Luso; **donde** a Fama  
O nosso Reino Lusitânia chama.

(Os Lusíadas, VIII, 2)

Analisando o uso do **onde** e do **donde** nos versos camonianos, pode-se dizer que o primeiro (**onde**) tenha valor conclusivo (“por isso”) e o segundo (**donde**) indique posse (“por cuja fama”). Pode-se, também, interpretá-los como dois latinismos, recuperando-se o **unde** latino, que significava **lugar de procedência, de origem**.

Como se observa nos excertos de Camões, o uso do **onde** por **aonde** e vice-versa, assim como o uso do pronome ou advérbio **onde** sem valor **locativo** não é prerrogativa dos “incultos”, como nos querem fazer crer os gramáticos. Também Affonso Romano de Sant’Anna, poeta contemporâneo nosso, escreveu:

1. Aqui já faz um século  
**onde** houve duas ou três guerras  
mundiais e milhares  
de outras pequenas  
e igualmente bestiais.

Comunicação Universitária:  
Revista do Centro de Ciências  
Sociais e Educação.  
Belém, Nº 5, 2004

2. Aqui jaz um século  
**onde** se acreditou  
que estar à esquerda  
ou à direita

eram questões centrais. [...] (“Epitáfio para o século XX”).

Em muitos séculos de história literária, esse fato lingüístico já vem sendo registrado, conforme se pode observar nos exemplos abaixo, em que renomados filólogos, gramáticos e lingüistas das mais diversas épocas, tanto brasileiros quanto portugueses, usaram o **onde** sem expressar “lugar concreto, espaço físico”:

- Este tipo de defeito costuma ocorrer com mais freqüência nas *narrativas onde*, depois de relatar uma seqüência de episódios, chegam a conclusões precipitadas que não estão contidas necessariamente nos dados apresentados. (Platão & Fiorin, 1992)

- ... nem por isso deixamos de apresentar à consideração dos eruditos valiosas *provas* de actividade intelectual (poesia, romance, historia, obras religiosas, morais e didacticas), por **onde** pode apreciar-se o nosso genio etnico em alguns dos seus aspectos, e a evolução da nossa língua, e **d’onde** consta que tambem tomámos parte no movimento civilizador europeu. (J. Leite de Vasconcellos, 1922)

- No Português moderno, *quem* só se pode referir a pessoa, não assim no *antigo*, **onde** era empregado também com referência a coisa. (Ismael de Lima Coutinho, 1968)

- Contrastando com *erros* do tipo - “se ele passa-se”, temos “despencousse” - “o capim encontrasse com as árvores”, “Vesse que é uma bela fazenda” - **onde** a partícula *se* é integrada na forma verbal como verdadeira flexão. (J. Mattoso Câmara Jr., 1972)

- Cada, como substantivo (v.g.: os sabonetes custam 2 tostões cada), é imitação viciosa do *francês*, **onde** as pessoas que fallam menos correctamente dizem *chaque* em vez de *chacun*. (Epifânio da Silva Dias, 1918).

- A competição entre forças puramente externas, por outro lado, é privilegiadamente observada no *campo da terminologia*, **onde** a denominação icônica de um objeto, por exemplo, pode não sofrer pressão tanto da sua funcionalidade como da sua forma, ou ainda de outras de suas características (M. H. Moura Neves, 1997: 111).

- Pelos exemplos acima, o *se* como índice de

indeterminação de sujeito - primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto - estendeu seu papel aos *transitivos diretos* (**onde** a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *vendem-se casas* = 'alguém tem casa para vender') e de ligação (*É-se feliz*). (Bechara, 1999:178).

Alguns lingüistas, como BAGNO (2001), NEVES (1997) e MARTELOTTA (1996) analisam essa polissemia do **onde** como um fenômeno de gramaticalização, que para MARTELOTTA et ali (1996:23):

*(...) é o processo pelo qual um elemento vai perdendo o seu valor semântico de indicador espacial para assumir novas funções de cunho gramatical e discursivo. Esse tipo de mudança por gramaticalização pressupõe que um determinado elemento, com valor espacial, passa a assumir valores temporais e, progressiva e concomitantemente, valores textuais, ou segue diretamente do espaço para o texto passando a organizar argumentos, e/ ou a assumir funções interativas, referentes, por exemplo, a estratégias comunicativas.*

Talvez, a definição acima possa explicar que o que ocorre com o uso do **onde**, se enquadra nesse processo, ou seja, o **onde**, em sua origem, era usado com valor espacial; entretanto, seu uso extrapolou esse campo semântico. É empregado, também, para expressar idéias de conclusão, tempo, causa, e outros campos semânticos, como se fosse, no dizer de alguns autores, um **conector** (ou operador) **universal**. Nesta função, geralmente, o **onde** organiza o texto interagindo nas estratégias de comunicação.

### CAPÍTULO 3 – O ONDE EM REDAÇÕES ESCOLARES

*Se compararmos o onde português, na sua riqueza de significados e empregos, com as palavras aparentadas de outras línguas da família românica, vamos descobrir, mais uma vez, que nossos usos 'errados' correspondem a tendências naturais dessas línguas, tendências que podem ser plausivelmente explicadas quando a gente recorre a hipóteses consistentes e a teorias científicas, em vez de recorrer a dogmas e prescrições autoritárias.*

(Bagno,  
2001)

A revisita à tradição gramatical, às teorias funcionalistas da lingüística moderna e às noções de gramaticalização, realizadas nos cap. 1 e 2 serão o suporte para a análise que se procederá sobre as redações escolares.

Comunicação Universitária:  
Revista do Centro de Ciências  
Sociais e Educação.  
Belém, Nº 5, 2004

Foram analisadas 148 redações de alunos do 3º ano, cursando o Ensino Médio. A escola pertence à rede pública de ensino do Estado do Pará e está situada em Belém, sua capital. Seu público é composto de homens e mulheres, de classe média baixa, cuja faixa etária é de 15 a 17 anos, nesta etapa escolar. A escola funciona nos três turnos: manhã, tarde e noite. Seu corpo docente é formado por professores com nível superior de ensino (licenciatura plena nas disciplinas ministradas). As redações analisadas foram aplicadas e coligidas em setembro de 2003, pela professora, ministrante da disciplina Língua Portuguesa, que gentilmente as cedeu para constituírem o *corpus* deste trabalho. Os alunos que produziram os textos pertencem às quatro turmas daquela escola, do turno da manhã, que funciona das 7h30 às 12h15.

O critério que nos levou a escolher essa escola foi:

- tratar-se de uma escola, localizada na zona metropolitana de Belém, pertencente à rede pública de ensino, onde se pressupõe que a clientela é, na maioria, da classe média baixa, por isso, seus alunos têm pouco ou quase nenhum acesso a outras atividades educativas complementares como: leituras, *internet*, filmes, cursos particulares de língua estrangeira e outras atividades recreativas que viriam a complementar a educação recebida na escola.

- tratar-se de alunos concluintes de um nível de ensino, que, segundo a nossa “crença”, já dominariam as normas prescritas pela GT, afinal foram 11 anos de estudos gramaticais.

Dessa forma, tentamos atingir um meio-termo, ou seja, analisamos produções de alunos sem condições financeiras, mas que convivem em um meio que lhes proporciona uma visão de mundo mais atualizada, uma vez que, urbanizados, acabam por ter, mesmo superficialmente, acesso a outros meios de comunicação influenciadores em sua cultura, como jornais, revistas, rádio e televisão.

Das 148 redações, foram selecionadas aquelas em que houve o emprego do vocábulo **onde**, totalizando trinta redações. Destas 30 redações, foram destacados fragmentos com 33 usos do **onde**, que serão analisados em grupos análogos.

Dos fragmentos destacados, analisa-se o emprego do **onde** apoiando-se nos ensinamentos da lingüística moderna e no caráter de uso dos sistemas pronominal e adverbial, segundo as normas estabelecidas nas gramáticas normativas, e, segundo as quais, o **onde**, dependendo do

contexto em que for usado, pode pertencer à categoria dos pronomes ou dos advérbios, conforme já foi mostrado no estudo sobre sua origem. Para contribuir com a análise, utilizam-se, como base de explicação, SOUZA (2001), NEVES (2000), BAGNO (2001; idem) e BECHARA (2001), assim como a funcionalidade da língua, no que diz respeito ao uso concreto dos produtores dos textos sob análise.

### 3.1 O uso pronominal e o adverbial

A seguir, relacionam-se os 30 fragmentos para análise:

1) R 01- L 01/ 05: ...“Devemos preservar nossa escola porque é muito importante para nós. Para qualquer ser humano. Porque é **onde** aprendemos a ler, a escrever e **onde** podemos garantir nosso futuro”.

2) R 02- L 04 / 06: “... a nossa casa ou na nossa escola que é **onde** passamos boa parte do dia ...”.

3) R 03- L 06 / 09: “Infelizmente, devido ao crescimento do vandalismo, muitos alunos estão destruindo aquilo que serve como um estabelecimento, **onde** eles poderiam aprender que não se deve fazer isso”.

4) R 04- L 01 /02: “A preservação do espaço **onde** nós vivemos quase um terço de nossas vidas é muito importante”.

5) R 05- L 05 / 06: “ A escola é um lugar **onde** aprendemos a ser alguém na vida”.

6) R 06- L 18 / 19: “... destruindo a escola um lugar **onde** aprendemos a ser verdadeiros *cidadões*.”

7) R 07- L 05/ 08: “Um exemplo de patrimônio importante é a escola **onde** estudo, pois além de estudar é como uma casa que é **onde** passamos a metade de nossas vidas”.

8) R 08- L 03 / 05: “Mas a limpeza das ruas da cidade **onde** moramos, também é fundamental para a nossa sobrevivência”.

9) R 09- L 24 : “... me perguntam - **onde** é a sua escola”?

10) R 10- L 04 / 05: “... devemos cuidar do lugar **onde** moramos ...”

11) R 11- L12/14: “... um emprego **onde** possamos desempenhar aquilo que aprendemos neste lugar maravilhoso.”

12) R 12-L 07/09: “É preciso desenvolver projetos **onde** os alunos sejam incentivados a denunciar as pessoas que fazem esses tipos de coisas ...”

13) R 13- L 08/09: “Devemos conservar sempre a sala de aula limpa **onde** nela todas as manhãs me encontro”.

14) R 14- L 08/11: “...quando se devasta uma certa

região com a poluição ambiental causada pela fumaça da serragem **onde** morram muitas famílias, a empresa tende a indenizar as famílias com cestas básicas.”

15) R 15- L 12 / 16 “... precisamos fazer alguma coisa e urgente, talvez um trabalho do governo de concientização mais investimentos e menos corrupção ajudasse muito nosso país **onde** o meio ambiente é um dos mais belos ...”

16) R 16- L 18/20 “... a floresta Amazônica é o lugar **onde** são encontradas as melhores ervas medicinais do mundo”.

17) R 17- L 15/17: “Cursos que podem ajudar essas empresas a cuidar de problemas **onde** lhe trazem dificuldades...”

18) R 18- L 02/05: “... preservar nosso meio ambiente **onde** nossas árvores, os animais, os rios e tudo em nossa volta deve ser preservado...”

19) R 19- L 01/04: “... o povo da região amazônica tem passado por situações **onde** as soluções se tornam muito difíceis”.

20) R 20- L 15 / 18: “... tratando do meio ambiente **onde** é preciso muito cuidado para não prejudicar nossa floresta e outras plantas, como as medicinais”.

21) R 21- L 06/ 07: “... é através das plantas e ervas medicinais **onde** obtemos os nossos remédios”.

22) R 21- L 04 / 05: “Até mesmo os lugares para **onde** o lixo é remanejado e...”

23) R 23- L 04 / 06 “... também temos que preservar a nossas cidades, os bairros **onde** moramos e nossas escolas”.

24) R 24- L 16/18: “... encaminhar cada unidade de vida florestal e animal para o lugar **onde** possa ser plantada novamente e **onde** os animais possa habitar”.

25) R 25 – L 01: “ **Aonde** quer que olhe vemos animais sendo extinto...”.

26) R 26 – L 04/06 “... a “Floresta Amazônica” de **onde** se *exporta* anualmente para todo o globo terrestre milhões de nossas riquezas florestais”.

27) R 27 – L 15/16: “... estarão contribuindo para uma melhor qualidade de vida, **onde** todos tenham consciência ...”.

28) R 28 – L 23/26: “ Por isso a escola deve desenvolver palestras e gerar projetos **onde** os alunos se ocupasse e assim não teriam tempo para fazer o que não deve”.

29) R 29 – L 06/14: “A construção de novas estradas e bom para abrir novos caminhos para nossa economia mas isso pode prejudicar o nosso meio ambiente

por que existem pessoas que só sabem desmata e poluir as floresta, não sabem preservar, cuidar da nossa maior riqueza e **onde** o país pode mais ganhar”.

30) R 30 – L 06/07: “...temos que agradece **onde** moremos uma região cheia de riquezas”.

A análise do *corpus* procedeu-se a partir de 2 (dois) distintos usos do **onde**, por nós considerados o **pronominal** e o **adverbial**.

Levando em consideração o emprego **pronominal** e o **adverbial** do **onde**, encontrou-se um percentual para cada tipo de ocorrência, conforme registrado na Tabela 1.

TABELA 1

USOS DO ONDE	Nº DE OCORRÊNCIAS	(%)
PRONOMINAIS	24	73
ADVERBIAIS	9	27
TOTAL	33	100

Os dados contidos na Tabela 1 indicam que os usos pronominais do **onde** equivalem a (73%), enquanto que os adverbiais representam (27%).

A Tabela 2 mostra-nos, em categorias gramaticais, o uso **normativo** do **onde**, de acordo com a GT e o uso que de fato, fizeram os alunos, ou seja, o que aqui chamamos de **normal**.

TABELA 2

CATEGORIA GRAMATICAL	USO NORMATIVO	(%)	USO NORMAL	(%)	TOTAL USOS CATEGORIA	(%)
PROMOMES	13	54	11	46	24	73
ADVÉRBIOS	9	100	0	0	9	27

Os resultados observados, na Tabela 2, indicam que o emprego do **onde** é mais recorrente como pronome (73%) do que como advérbio (27%), conforme já foi observado na Tabela 1. Ao analisá-lo, como pronome, seu percentual de uso normal é de 46%, enquanto que, como advérbio, 0%

Considerando o uso do **onde** como advérbio, de acordo com as normas da GT, a Tabela 2 mostra-nos

que seu uso normativo alcançou um percentual de 100%, nas redações analisadas, enquanto que como pronome o uso normativo foi de apenas 54%.

Os dados assim comprovam algumas pesquisas que consideram o uso do **onde**, pelos usuários da língua, como um **pronome relativo universal**. Isto também reforça os resultados de trabalhos de lingüistas da corrente funcionalista (BAGNO, 2001), que acreditam estar o **onde** passando por um processo de gramaticalização, ou seja, de mudança de categoria gramatical.

3.2 A análise dos usos: o normativo e o normal.

3.2.1 O uso normativo como pronome relativo

4) R 04)- L 01/02: “A preservação do espaço **onde** nós vivemos quase um terço de nossas vidas é muito importante...”.

5) R 05)- L 05/06: “A escola é um lugar **onde** aprendemos a ser alguém na vida”.

6) R 06- L 18/19: “... destruindo a escola um lugar **onde** aprendemos a ser verdadeiros *cidadões*...”.

7) R 07- L05/08: “Um exemplo de patrimônio importante é a escola **onde** estudo, pois além de estudar é como uma casa que é **onde** passamos a metade de nossas vidas...”.

8) R 08- L03/05 “Mas a limpeza das ruas da cidade **onde** moramos, também é fundamental para a nossa sobrevivência...”.

10) R 10- L04/05: “...devemos cuidar do lugar **onde** moramos ...”.

13) R 13- L 08/09: “Devemos conservar sempre a sala de aula limpa **onde** nela todas as manhãs me encontro”

14) R 14- L 08/11. “... quando se devasta uma certa região com a poluição ambiental causada pela fumaça da serragem, **onde** morram muitas famílias, a empresa tende a indenizar as famílias com cestas básicas...”.

15) R 15- L12/16: “... precisamos fazer alguma coisa e urgente, talvez um trabalho do governo de concientização mais investimentos e menos corrupção ajudasse muito nosso país **onde** o meio ambiente é um dos mais belos ...”.

22) R 21- L 04 / 05: “Até mesmo os lugares para **onde** o lixo é remanejado e...”

23) R 23- L 04/06 “... também temos que preservar a nossas cidades, os bairros **onde** moramos e nossas escolas...”.

24) R 24- L 16/18: “... encaminhar cada unidade de vida florestal e animal para o lugar **onde**



possa ser plantada novamente e **onde** os animais possa habitar...”.

Nos excertos acima, retirados do *corpus* deste trabalho, o pronome relativo **onde** foi empregado com seu respectivo antecedente, cujo referente indica lugar estático, ou seja, o **onde** representou nomes já referidos e com os quais está relacionado. Conforme podemos constatar, os referentes são: **espaço** (R04), **lugar** (R05, R06, R10 e R24), **escola** (R07), **cidade** (R08), **sala de aula** (R13), **região** (R14) **país** (R15), **lugares** (R22), **ciudades/bairros** (R23), o **onde**, na maioria desses exemplos, foi empregado equivalendo a **em que** (Cegalla, 2000). Apenas nos exemplos de número 22 e 24 o **onde** foi empregado equivalendo a **os quais e no qual** respectivamente. Segundo CARVALHO (2000), Estas seriam as formas normativas do emprego do **onde** como pronome relativo, ou seja, aquelas prescritas pela GT.

### 3.2.2 O uso normal com pronome relativo

Como pode ser observado no *corpus* deste trabalho, o **onde** é muitas vezes empregado equivalendo a **em que**, mas sem valor locativo, o que, segundo NEVES, (1999:386), não tem justificativa. Entretanto para o real funcionamento da língua isso é plenamente justificável, pois, mesmo o fato de não representar um lugar real, estático, ele faz referência a um lugar virtual e que satisfaz a necessidade de se expressar do falante.

Vejamos os excertos analisados

11) R 11- L12/14: “...um emprego **onde** possamos desempenhar aquilo que aprendemos neste lugar maravilhoso...”.

12) R 12- L 07/09: “É preciso desenvolver projetos **onde** os alunos sejam incentivados a denunciar as pessoas que fazem esses tipos de coisas...”.

17) R 17- L 15/17: “Cursos que podem ajudar essas empresas a cuidar de problemas **onde** lhe trazem dificuldades ...”

18) R 18- L 02/05: “... preservar nosso meio ambiente **onde** nossas árvores, os animais, os rios e tudo em nossa volta deve ser preservado ...”.

19) R 19- L 01/04: “... o povo da região amazônica tem passado por situações **onde** as soluções se tornam muito difíceis”.

20) R 20- L 15/18: “... tratando do meio ambiente **onde** é preciso muito cuidado para não prejudicar nossa floresta e outras plantas, como as medicinais”.

21) R 21- L 06/ 07: “... é através das plantas e ervas medicinais **onde** obtemos os nossos

remédios”.

27) R 27 – L 15/16: “... estarão contribuindo para uma melhor qualidade de vida, **onde** todos tenham consciência ...”.

28) R 28 – L 23/26: “Por isso a escola deve desenvolver palestras e gerar projetos **onde** os alunos se ocupasse e assim não teriam tempo para fazer o que não deve”.

“Um tipo de imprecisão mais freqüente, nas frases analisadas, refere-se ao emprego do **onde** sem referência locativa” CARVALHO (2001). Como se pode verificar, nos excertos acima, o **onde** foi empregado referindo-se a palavras que não indicam lugar estático como: **emprego (11), projetos (12 e 28), problemas (17), meio ambiente (18 e 20), situações (19), ervas medicinais (21) e vida (27).**

Constata-se que, nesses exemplos (11, 12, 18, 19, 20, 27, 28), a expressão relativa **em que** substituiria o relativo **onde** e nos exemplos 17 e 21 a substituição normativa seria o pronome relativo **que**.

O que de fato constata-se não é o uso do **onde** sem valor locativo e sim o fato dos locativos, nos exemplos analisados, não indicarem lugar estático, parado, mas do ponto de vista semântico indicarem um lugar virtual. O que deve preponderar é o fato do escrevente, em todas as expressões analisadas, usar **onde** como um referenciador, ou seja, em todas elas ele está relacionado a um termo já mencionado, o retomando.

Isso significa que o falante/escrevente tem internalizadas as regras da língua, mesmo que não tenha aprendido as normas da GT. Sua consciência de falante, no caso do uso do **onde**, sente a necessidade de um referente, não necessariamente que este seja um locativo. Portanto, este princípio da língua ele não desobedece, como querem fazer crer os gramáticos. O fato das GT prescreverem o uso do **onde**, como pronome relativo, tendo como referência um lugar estático, parado, não é uma regra da língua e sim uma norma,

e como já sabemos toda norma é social e não científica. Portanto, não existe nenhuma razão lingüística que justifique as GT considerarem esses usos “errados”, porque as frases construídas pelos alunos, têm regras, ou seja, lógica, princípio universal da gramática de qualquer língua do mundo, e confirma-se, assim, o conceito, a origem do termo gramática, que para os gregos, significava lógica.

3.2.3 O uso normativo como advérbio

Segundo BECHARA (2001:287) “Advérbio é a expressão modificadora que por si só denota uma

circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial”.

Conforme já foi citado no capítulo I, item 1.2.2 O advérbio, este se constitui por palavra de natureza nominal ou pronominal e de modo geral se refere ao verbo. Se estiver dentro de um grupo nominal unitário, pode referir-se, também, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira: “Felizmente José chegou”. Neste caso, o advérbio faz referência a toda a declaração: ‘José chegou’ e exprime um juízo pessoal de quem fala.

Quanto às circunstâncias adverbiais afirma BECHARA (idem:290) que o advérbio constitui,

*uma classe de palavra muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espalha o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo anteceder-lo posposto. Este papel singular do advérbio lhe dar uma certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.*

A seguir, analisaremos os excertos abaixo, em que o advérbio **onde** foi empregado segundo as normas da GT:

1) R 01- L 01/ 05: ... “Devemos preservar nossa escola porque é muito importante para nós. Para qualquer ser humano. Porque é **onde** aprendemos a ler, a escrever e é **onde** podemos garantir nosso futuro”.

2) R 02 - L 04/06: “... na nossa casa ou na nossa escola que é **onde** passamos boa parte do dia”.

7) R 07 - L 05/ 08: “... Um exemplo de patrimônio importante é a escola **onde** estudo, pois além de estudar é como uma casa que é **onde** passamos a metade de nossas vidas”.

9) R 09 - L 24 : “... me perguntam - **onde** é a sua escola”?

25) R 25 - L 01: “**Aonde** quer que *olhe* vemos animais sendo extinto...”

26) R 26 - L 04 / 06: “... a “Floresta Amazônica” de **onde** se exporta anualmente para todo o globo terrestre milhões de nossas riquezas florestais”.

Dentre os excertos do *corpus* em análise, foram selecionados seis em que o **onde** foi empregado como advérbio de acordo com as normas das GT,

Comunicação Universitária:  
Revista do Centro de Ciências  
Sociais e Educação.  
Belém, Nº 5, 2004

ou seja, o uso normativo. Nos exemplos 1, 2, 7, 9, 25, 26 têm-se os advérbios relativos retomando seus respectivos antecedentes presentes nas orações anteriores. São, portanto, **anafóricos**, isto é, retomam um termo que foi citado anteriormente. No exemplo 9, temos o **onde** como **advérbio interrogativo** usado em interrogação direta. Estas estruturas obedecem às normas da sintaxe padrão do português e em consequência disso se mostram semanticamente coerentes.

### 3.2.4 Onde: um lugar que não existe

Em alguns excertos, tivemos dificuldade de classificar o **onde** ora como pronome, ora como advérbio. São eles:

3) R 03)- L 06/09 “Infelizmente, devido ao crescimento do vandalismo, muitos alunos estão destruindo aquilo que serve como um estabelecimento, **onde** eles poderiam aprender que não se deve fazer isso”.

16) R 16 - L 18/20: “... a floresta Amazônica é o lugar **onde** são encontradas as melhores ervas medicinais do mundo”.

29) R 29 – L 06/14: “A construção de novas estradas é bom para abrir novos caminhos para nossa economia, mas isso pode prejudicar o nosso meio ambiente por que existem pessoas que só sabem desmata e poluir as floresta, não sabem preservar, *culdar* da nossa maior riqueza e **onde** o país pode mais ganhar”.

30) R 30–L 06/07: “...temos que agradecer **onde** moremos uma região cheia de riquezas”.

De acordo com os teóricos consultados e citados neste trabalho (ALI, ALMEIDA, COUTINHO, e SILVEIRA) o **onde** originou-se de dois advérbios latinos (**unde** e **ubi**) de significados distintos, mas ambos podiam ser usados como pronome relativo.

Os pronomes relativos, segundo as GT, são palavras que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente, mas nem sempre o **onde** possui um antecedente expresso

na frase. Isso acontece quando os pronomes relativos são usados em interrogações diretas ou indiretas.

Nestes casos eles são chamados de *interrogativos indefinidos*. Também as GT afirmam que o **onde**, tanto como pronome relativo quanto como advérbio, deve referir-se a um locativo. Aí começam os problemas. As idéias de locativo contempladas pela GT referem-se, sempre, a lugares reais, estáticos. No entanto, as necessidades reais de uso do **onde** pelo falante/escrivente não contemplam apenas essa noção de

lugar, mas, também, os lugares virtuais conforme o uso feito pelos alunos, nos excertos analisados.

No excerto 3, a palavra *estabelecimento*, usada sem especificação, não deixa claro tratar-se de um locativo. A possibilidade de substituição do *onde* por *em que/no qual* leva-nos a inferir que se trata de um pronome relativo. Entretanto, se fizermos a substituição do *onde* por *um lugar em que*, estaríamos diante de um advérbio de lugar. Portanto, se o analisarmos como pronome diremos que é um uso normal, que satisfaz as necessidades de comunicação do falante/escrevente. Se optarmos pela análise como advérbio, tomando a palavra *estabelecimento* como um locativo, seu uso será o normativo.

No exemplo 16, entendemos que o referente é *floresta amazônica*. Este referente, entretanto, está repetido pela palavra *lugar*, seguido de *onde*, o que denota ser um pronome relativo, uma vez que *onde* pode ser substituído pela expressão *em que*. Neste caso, o referente do *onde* seria *lugar*. Para o inserirmos na análise como advérbio, o que nos possibilita o fato de estar ligado ao verbo, em cujo contexto o *onde* funcionaria como predicativo, seria necessário somente substituir o *onde* pela expressão *em que*.

No excerto 29, temos novamente um antecedente (*floresta*) que se faz substituir, na seqüência do enunciado por (*riqueza*). Se tomarmos por antecedente *riqueza*, substituiríamos o *onde* por *em que* e o analisariamos como pronome relativo. Levando-se em consideração que *floresta* é lugar estático e tomando este vocábulo como referente, teremos o uso normativo do *onde* como advérbio.

No excerto 30, cremos estar diante de um uso normativo do *onde* como advérbio. A substituição deste conector pela expressão *o lugar em que* deixa mais claro o complemento do verbo agradecer ( transitivo direto ), cuja função, no enunciado, é objeto direto ( o lugar em que moramos ).

Pode-se concluir, após estas análises que as dificuldades de classificação do *onde* como pronome relativo ou como advérbio já existiam desde sua origem no latim e se perpetua até nossos dias.

O profissional de letras precisa aprimorar sua competência pragmática para reconhecer a eficiência do uso do *onde* pelos seus alunos, de acordo com suas necessidades

•••

Comunicação Universitária:  
Revista do Centro de Ciências  
Sociais e Educação.  
Belém, Nº 5, 2004

Carta que, em certos jogos, muda de valor, de acordo com a combinação que o jogador tem em mãos (Michaellis 2000, p. 627).

de comunicação e nos diversos contextos comunicativos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

POSSENTI (2001:17) e BAGNO (2001:150), respectivamente talvez é que tenham razão, o primeiro ao afirmar que "... com o tempo se sua marcha não for detida, será o único pronome relativo do português..." e, o segundo, ao afirmar que o **onde** é um pronome relativo universal, e não faz parte só do repertório dos usuários de "desempenho lingüístico pouco eficiente", como afirma CIPRO e INFANTE (1997:436) e comprovam os excertos registrados no capítulo 2 deste trabalho.

Ao analisar os usos efetivos que os falantes/escreventes fazem dos recursos que a língua dispõe, considerando-se, neste caso, a escrita, constatam-se o seu caráter polissêmico e conseqüentemente sua plurifuncionalidade, já apontadas pelas GT.

Ora, se as GT não conseguem estabelecer critérios precisos e coerentes que justifiquem esse ou aquele uso e alguns lingüistas, por outro lado, já reconhecem, por conta dessa duplicidade, um processo de gramaticalização, pelo qual estaria passando a partícula **onde**, como podem os alunos dominar o uso normativo desse recurso lingüístico, utilizado para integrar orações e parágrafos, resultando unidade textual, e assim construir estruturas textuais coesas e coerentes, segundo os modelos prescritos por elas?

Ora, o texto possui uma estrutura construída por meio de mecanismos intra e interdiscursivos, que precisam estar sob o domínio daqueles que vão estruturá-lo. Esse domínio todos os alunos demonstram ter, pois os excertos são coesos e coerentes. A aparente incoerência desses textos, segundo as GT, revela uma outra realidade: alunos expostos à prática escolar durante vários anos, com aulas de Língua Portuguesa, cuja carga horária varia de 4 a 6 horas por semana, concluem o ensino médio sem saber manipular esses usos de acordo com as normas da GT.

De início, optou-se por fazer algumas considerações sobre a origem e a evolução do **onde** e, também, sobre seus usos em textos da Literatura Portuguesa, dos séculos XII ao XVIII.

O **onde** e suas formas aparentadas **aonde**, **donde** e **adonde** eram usadas como se fossem sinônimas, embora fossem semanticamente diferentes. Fez-se, também, uma rápida abordagem sobre seus aspectos sintáticos e semânticos.

Posteriormente, o estudo apresenta considerações de gramáticos como Almeida, Bechara.

Cunha, Neves e outros que mostraram, do ponto de vista normativo, como esse vocábulo deve funcionar nos textos. A seguir, fez-se a análise dos fragmentos retirados do *corpus* deste trabalho e sobre o funcionamento do **onde** como advérbio e pronome relativo.

No capítulo dois (O **onde** sob a luz da Linguística Moderna) comenta-se a respeito da multifuncionalidade do **onde**, aspecto que vem sendo observado a partir do emprego desse conector por clássicos da literatura, como Camões. Esses comentários foram baseados em teorias de lingüistas modernos, da corrente funcionalista, como Bagno, Possenti, Neves e Marttelota.

Com base nesses estudos constatou-se que o **onde** se mostra como um recurso coesivo bastante usado e muito recorrente pelos usuários da língua portuguesa, portanto produtivo do seu ponto de vista funcional. Seu caráter polissêmico dá margem a diversos usos, não só como pronome relativo ou advérbio, mas, como se observou nos excertos analisados, ele assume a função de diversos outros conectores, numa visão semântica bem diferente daquelas prescritas pelas GT. O que resulta na diversidade de seu emprego, uma vez que a necessidade do falante abrange o uso do **onde** em várias outras categorias gramaticais, que não estão contempladas nas Gramáticas Normativas. Seu uso como advérbio é bem mais reduzido do que como pronome, conforme mostra o percentual obtido na Tabela 2.

O emprego do **onde**, com essa pluralidade de sentidos e funções, vem comprovar o resultado de pesquisas daqueles teóricos funcionalistas que afirmam ser essa mudança de categorias gramaticais, observada no vocábulo **onde**, parte de um processo de **gramaticalização** de algumas palavras da língua portuguesa, conforme resumido no cap. II.

Segundo aqueles teóricos, o conservadorismo das Gramáticas Tradicionais não contempla as várias funções que o **onde** desempenha nos textos reais, produzidos por falantes reais da língua portuguesa, por isso, como sugere BAGNO (2001), a criação de uma Gramática do Português Brasileiro, que dê conta dos usos da língua nas diversas variedades lingüísticas existentes neste grande país, seria o serviço mais útil que os gramáticos prestariam ao ensino.

Por fim, a amostra do emprego do vocábulo **onde** em textos do português arcaico e um olhar nos textos produzidos pelos alunos do ensino médio, permitem-nos inferir que seu uso já sofreu a gramaticalização, pois desde a formação da língua

Comunicação Universitária:  
Revista do Centro de Ciências  
Sociais e Educação.  
Belém, Nº 5, 2004

portuguesa, este vocábulo é usado como se fosse um **curinga**<sup>7</sup>, assumindo um valor de acordo com o contexto em que se encontra, o que de fato falta é a GT reconhecê-lo como tal, por isso a necessidade da criação de uma nova GT.

## BIBLIOGRAFIA

ALI, M. Said, **Dificuldades da Língua Portuguesa**. 6<sup>a</sup>. Edição. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1966.

\_\_\_\_\_. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 3<sup>a</sup> Edição. Melhorada e Ampliada. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

Anônimo. **Aonde, Donde, Onde?** Diário do Pará, Jornal diário, Belém (PA), 15.03.99, p. Dobre a Língua.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003- (série Aula; 1)

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Latina**. 25<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Saraiva, 1994.

BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro?** São Paulo. Parábola Editorial, 2001.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37<sup>a</sup> ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

\_\_\_\_\_. **Lições de Português pela Análise Sintática**. 16<sup>a</sup> ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

CÂMARA JR., J. Mattoso. **Dicionário de Lingüística e Gramática**. 20<sup>a</sup> ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

CÂMARA, Tânia. **Pronome Relativo: Ferramenta Difícil de Usar** [on line] mai. 2001. disponível: <http://www.estacio.br/jponline/colunas/potugues/port2001/05port/05port.html> (capturado em 12.09.01).

CARVALHO, Maria Daises Matos de. (UNAMA). **O Emprego do Pronome Relativo Onde**. Trabalho de Graduação. Belém (PA), 2001.

CASTRO, Maria Cristina Lobato de. **A Produção Escrita do Vestibulando: Análise do Emprego Inadequado dos Elementos Coesivos do Texto**. Trabalho de pesquisa. UFPA.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 42<sup>a</sup>. ed. mel. e ampl. São Paulo: Nacional, 2000.

CIPRO NETO, Pasquale. **Ao Pé da Letra**. São Paulo: EP & A, 2001.



COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica – Lingüística e Filologia**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, C; CINTRA, L.F.L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**- Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2ª Edição, 1985.

DUBOIS, Jean et alli. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1999.

ECO, Humberto. **Como se faz uma Tese**. 15ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

FONTINHA, Fernando Elísio Rodrigues. **Novo Dic. Etimológico da Língua Portuguesa**. Ed. revista pelo Dr. Joaquim Ferreira. Porto: Domingos Barreira, s.d.

KLEIMAN, Ângela. **Texto & Leitor**. 4ª Edição revisada. São Paulo: Pontes, 1995.

LUFT, Celso Pedro. **Novo Manual de Português**. Ed. Globo. 4ª Edição. 1997

MARTELOTTA, Mario Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Moura (Orgs) **Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro(RJ). Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia (1996).

MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à Semântica**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MICHAELIS - **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Edição Exclusiva. Rio de Janeiro: Reader's Digest; São Paulo: Melhoramentos, 2000. 2v.

NEVES, Maria H. de M. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NUNES, José Joaquim. **Crestomatia Arcaica – Excerto da Literatura Portuguesa desde o que mais antigo se conhece até o séc. XVI**. 6ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1967.

PERINI, Mário A. **Para uma Nova Gramática do Português**. 6ª Ed. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. **Sofrendo a Gramática**. São Paulo: Ática, 1997.

POSSENT, Sírio. **A cor da língua e outras crônicas de lingüistas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

SACCONI, Luiz Antonio. **Gramática Essencial Ilustrada**. 18ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Atual, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. 3ª Edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

Comunicação Universitária:  
Revista do Centro de Ciências  
Sociais e Educação.  
Belém, Nº 5, 2004

CIPRO NETO, P. e INFANTE, U. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo; Scipione, 1997.

SILVEIRA, Sousa da. **Lições de Português**. (Coleção Brasileira de Filologia Portuguesa). 6<sup>a</sup>ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1960.

SOUZA, Emília Helena Portela Monteiro de. UFB - **Sobre a Prescrição e Usos do Onde e do Oú no Português e no Francês**. Boletim da ABRALIN n. 26- N<sup>o</sup> Especial- II 2001.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As Três Metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. 3<sup>a</sup> Edição. Belém (PA): Grapel, 2001.

VILELA, Mário; KOCH Engedore Villaça. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra (Portugal): Almedina, 2003).